



FAKE NEWS POLÍTICA NO BRASIL – DA FICHA FALSA DA DILMA À DEEPPFAKE DO JORNAL NACIONAL

Vinicius Guedes Pereira de Souza¹

RESUMO: O artigo reflete sobre as manipulações de imagens visuais midiáticas e sentimentos do eleitorado a partir da teoria de mudança no modo de pensamento da humanidade (FLUSSER, 2008 e 2009), de tempo-histórico-linear para mágico-imagético-circular. Para tanto, cita e analisa exemplos históricos (BARTHES, 1961) na imprensa estadunidense e nacionais como o caso da ficha falsa de Dilma Rousseff na capa da Folha de S. Paulo em 2009 (SOUZA, 2012), a disputa narrativa entre o “Pavão Misterioso” e o The Intercept Brasil em 2019 (SOUZA; PEREIRA, 2020), e o caso da falsificação em vídeo da pesquisa IPEC sobre as intenções de votos no primeiro turno das eleições de 2022.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake news. Mudança no modo de pensamento. Deepfake. Imagem. Imprensa.*

ABSTRACT: The article reflects on manipulations of media visual images and feelings of the electorate based on the theory of change in humanity's way of thinking (FLUSSER, 2008 and 2009), from historical-linear time to magical-imagetic-circular. To this end, it cites and analyzes historical examples (BARTHES, 1961) in the US and national press, such as the case of Dilma Rousseff's false record on the cover of Folha de S. Paulo in 2009 (SOUZA, 2012), the narrative dispute between “Pavão Misterioso” and The Intercept Brasil in 2019 (SOUZA; PEREIRA, 2020), and the case of video falsification of the IPEC survey on voting intentions in the first round of the 2022 elections.

KEYWORDS: *Fake news. Change in way of thinking. Deepfake. Image. Press.*

¹ Professor na Universidade Federal de Mato Grosso onde leciona na Graduação em Jornalismo e na Pós-Graduação em Comunicação e Poder. Com graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero de São Paulo, tem mestrado e doutorado em Comunicação pela UNIP/SP e Pós-Doutorado pela ECA USP. Jornalista, fotógrafo e documentarista, atua no Jornalismo Independente há mais de 30 anos, sendo mais de 20 pela MediaQuatro e desde 2015 também pelos Jornalistas Livres. Mais informações em www.mediaquatro.com. E-mail: vinicius.souza@ufmt.br.

Introdução: o significado da imagem na imprensa

O uso político de imagens adulteradas na mídia com fins políticos existe praticamente desde a introdução das fotografias nos jornais. Um dos exemplos mais notórios é a trucagem de duas fotos diferentes (figura 1), uma do senador Democrata estadunidense Millard Tydings e outra do líder comunista Earl Browder, reunidas em uma única imagem publicada em 300 mil exemplares de um tabloide em 1950 por iniciativa do senador Republicano Joseph McCarthy². A montagem, analisada pelo semiólogo Roland Barthes no seu clássico ensaio *A Mensagem Fotográfica*, de 1961, como um dos processos de conotação, custou ao Democrata a reeleição para a cadeira que ocupava há 24 anos.

Figura 1



592

Fonte: Montagem do autor para fins didáticos a partir de imagens disponíveis em <https://www.earthwidemoth.com/blog/2005/09/06/barthes-the-pho/>. Acesso em 28 Mai. 2023.

² Essa história pode ser lida em inglês no site oficial do Senado estadunidense em https://www.senate.gov/about/origins-foundations/electing-appointing-senators/contested-senate-elections/130Tydings_Butler.htm. Acesso em 28 Mai. 2023.

Isso acontece, segundo Barthes (1990), porque durante o processo de compreensão das imagens na imprensa pelos leitores de jornais dois conjuntos de elementos diferentes se somam: os denotativos e os conotativos. Os primeiros são aqueles que de fato aparecem na imagem, sem qualquer juízo de valor. Já os elementos conotativos são aqueles que realmente dão significado aos primeiros, pois associam o que se vê na imagem com os conhecimentos médios da população, da cultura da sociedade em que são publicados e todos os preconceitos que advém disso. No caso específico da figura 1, os elementos denotativos da imagem truncada à esquerda são: o líder comunista estadunidense Earl Browder à esquerda, vestindo terno escuro, de perfil coçando o queixo e o senador Democrata Millard Tydings, à direita, usando gravata escura, terno claro e olhando para cima. Como é facilmente perceptível pelas imagens originais à direita, Tydings estava ouvindo rádio ao lado de outra pessoa e não é possível saber com quem Browder estaria conversando. Mas com a truncagem, os elementos conotativos da imagem forjada levam o leitor a acreditar que o senador estaria ouvindo atentamente os conselhos do comunista, algo que poderia levar à cadeia nos tempos do macarthismo³.

593

Por mais que Tydings afirmasse que nunca tinha estado com Browder e tenha inclusive entrado com um processo no Senado contra o concorrente por falsa propaganda eleitoral, ele nunca mais conseguiu convencer o público e reaver a cadeira parlamentar. Mesmo com o subcomitê do Senado provando o “jogo sujo” na eleição e inclusive apontando financiamento e apoio ilegal de Joseph McCarthy, como a produção e distribuição dos tabloides não foi um ato “oficial” da campanha e não havia na época uma legislação sobre a atuação de outros agentes em favor de um candidato, John Marshall Butler assumiu a cadeira de senador em Maryland e permaneceu legislando até 1963.

³ Nome dado inicialmente ao período entre 1950 e 1957, de maior poder do senador Republicano estadunidense Joseph McCarthy devido à caça que fez a todas as pessoas apontadas como comunistas. Na época milhares de cidadãos, especialmente professores, funcionários públicos e atuantes na indústria do entretenimento, foram investigados por suposta simpatia à União Soviética.

O interesse metódico da truncagem é que ela intervém no próprio interior do plano de denotação sem avisar; ela utiliza a credibilidade particular da fotografia, que não é, conforme se viu, mais que seu poder excepcional de denotação, para fazer passar como simplesmente denotada uma mensagem que na verdade é fortemente conotada; em nenhum outro tratamento a conotação toma tão completamente a máscara "objetiva" da denotação. (BARTHES, 1990, p. 22)

Imagem representação e imagem duplo

Barthes admite em seu texto que apesar da fotografia nunca deixar de lado seu referente (aquilo que foi fotografado) ela, como segunda realidade, jamais será o próprio referente. “decerto, a imagem não é o real; mas ela é pelo menos seu perfeito *analogon*, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia” (BARTHES, 1990, p. 15). Nesse sentido, as imagens técnicas, aquelas muito parecidas com a “realidade” construídas por meio de aparelhos como a câmera fotográfica ou os computadores, se distanciam das representações imagéticas tradicionais para se tornarem um “duplo”, como diria Morin (1999). Não são encaradas como uma segunda realidade, um recorte bidimensional no tempo e espaço cujos significados dependem da intenção de quem os produz e/ou distribui, mas como se fossem a primeira realidade, aquela tridimensional presenciada pessoalmente através dos próprios olhos (SOUZA, 2022).

594

Assim, as imagens na imprensa ou as imagens supostamente reproduzidas da imprensa nas mídias sociais, seriam “magicizadas” (FLUSSER, 2009) para se tornarem não a representação de um fato, mas o fato em si. Mal comparando, seriam como as imagens religiosas católicas. Tanto Aparecida no Brasil e como a Virgem de Guadalupe no México, por exemplo, representam a mesma personagem religiosa: Maria mãe de Jesus. No entanto, se as imagens fossem trocadas das igrejas onde estão certamente haveria protestos e talvez até uma guerra entre os dois países. Apesar dos dois povos serem devotos da mesma Virgem Maria, os mexicanos se recusariam a pedir milagres para Aparecida e os brasileiros não iriam orar para Guadalupe. Isso acontece porque essas imagens sagradas não apenas “representam” a figura religiosa, mas “são” elas mesmas a própria Virgem Maria.

De fato, com o passar do tempo os métodos e ferramentas para a manipulação de imagens políticas na imprensa evoluíram muito, mas seguem se utilizando não apenas do “poder excepcional de denotação” a que se referia Barthes (1990), mas do que Vilém Flusser (2009) vai chamar de “fascínio mágico da imagem”, para manipular, além da representação, os próprios sentimentos do eleitorado, especialmente os mais básicos, como medo, desejo e ódio.

O receptor pode recorrer ao artigo de jornal que acompanha a fotografia para dar nome ao que está vendo. Mas ao ler o artigo, está sob a influência do fascínio mágico da fotografia. Não quer explicação sobre o que viu, apenas confirmação. Está farto de explicações de todo o tipo. Explicações de nada adiantam se comparadas com o que se vê. Não quer saber sobre causas ou efeitos da cena, porque é esta e não o artigo que transmite a realidade. E como tal realidade é mágica, a fotografia não a transmite: é ela a própria realidade. (FLUSSER, 2009, p.57).

Imagem forjadas na imprensa nacional e a ascensão das *fake news*

A utilização de imagens forjadas não é exclusividade da imprensa estadunidense e nem dos famosos expurgos stalinistas da União Soviética, onde figuras políticas que caíam em desgraça para o Kremlin simplesmente desapareciam de fotografias históricas⁴. Recentemente, contudo, a falsificação de realidades factuais ganhou novos contornos nas mídias digitais, a ponto de manipular e mesmo assustar os grandes e tradicionais veículos de imprensa. Na minha opinião, o ponto de virada se dá na campanha de José Serra (PSDB) contra Dilma Rousseff (PT) pela sucessão de Luiz Inácio Lula da Silva em 2010. No ano anterior, a exemplo do que já vinha acontecendo nos Estados Unidos e provavelmente foi importado pela campanha do tucano, diversas notícias falsas ligando o Partido dos Trabalhadores e a então Ministra da Casa Civil começaram a circular por meio de *spams* de e-mail e serem publicadas em blogs obscuros de extrema-direita.

A mais famosa, e que circula até hoje, talvez seja a acusação de que Rousseff teria participado do atentado terrorista com carro-bomba em junho de 1968 contra o Quartel

⁴ Breve artigo sobre esses expurgos fotográficos pode ser lido em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/foto-manipulacao-stalin.phtml>. Acesso em 27 Mai. 2023.

General do II Exército, em São Paulo, praticado pelo grupo armado Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) matando o soldado Mário Kozel Filho e ferindo outros seis militares. A *fake news* é constantemente desmentida por agências nacionais de *Fact Checking*, como a Aos Fatos (2018)⁵ e Lupa (2021)⁶ mas isso não impede que pessoas sigam divulgando a informação falsa e até sendo condenadas por isso⁷.

Em 2009, no entanto, mesmo a tradicional Folha de S. Paulo chegou a publicar com destaque na primeira página uma “reportagem” sobre o planejamento de um sequestro, do ex-Ministro da Fazenda da ditadura Delfim Netto, que teria sido realizado por Rousseff. Apesar das negativas peremptórias da então Ministra da Casa Civil, mas já indicada por Lula como candidata à sua sucessão, a reportagem foi às bancas ilustrada com a imagem do que seria a ficha de prisioneira capturada pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), o órgão de repressão à oposição ao regime (figura 2). Acontece, que a tal ficha é falsa, forjada e distribuída em blogs ligados aos militares da reserva como o Coturno Noturno e o Terrorismo Nunca Mais, ambos descontinuados no processo de ascensão do bolsonarismo ao poder⁸.

⁵ Disponível em <https://www.aosfatos.org/noticias/dilma-nao-participou-de-atentado-que-matou-soldado-em-1968/>, acesso em 10 Mai. 2023.

⁶ Disponível em <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/05/25/verificamos-dilma-atentado-mario-kozel-filho>, acesso em 10 Mai. 2023.

⁷ Disponível em <https://istoe.com.br/mulher-que-acusou-dilma-de-matar-soldado-e-condenada-a-pagar-r-30-mil/>, acesso em 10 Mai. 2023.

⁸ Além do meu texto sobre a ficha falsa para essa mesma revista Alterjor em 2009, vale a pena ver um fio rápido e didático no perfil de Twitter @pensar_historia, disponível em https://twitter.com/historia_pensar/status/1491063383197876228. Acesso em 28 Mai. 2023.

Figura 2



Fonte: Arquivo digital Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp05042009.htm>. Acesso em 28 Mai. 2023.

Para quem viu um dos cerca de 300 mil exemplares impressos e a matéria repetida em inúmeros sites e TVs, não havia dúvidas de que se tratava de uma “criminososa”. A força e o impacto na população (eleitores) dessa imagem cheia de signos, muito mais do que os textos a ela associados, já não pode ser de forma alguma apagada da memória cultural contemporânea. E especialmente por textos de “erratas” vacilantes. (SOUZA, 2009, p.9)

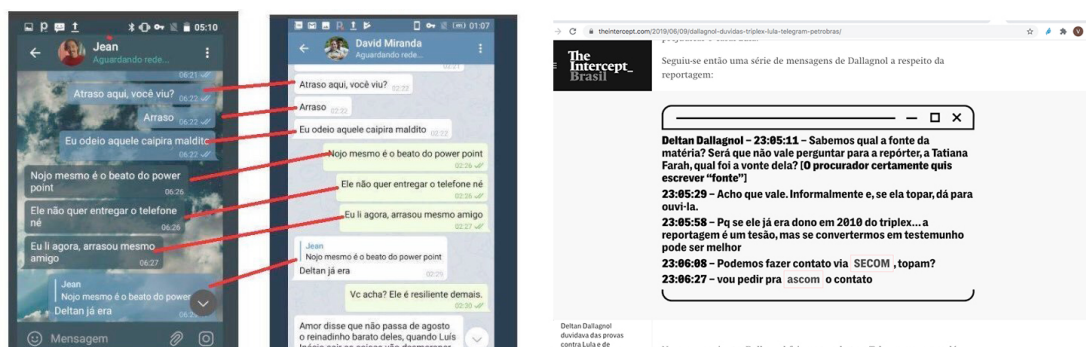
597

Outro exemplo que vale a pena ser citado é a disputa narrativa e imagética entre o perfil na rede de microblogs Twitter de uma figura que se intitulava apenas “Pavão Misterioso” e o portal independente de notícias The Intercept Brasil, responsável pelas reportagens que desmontaram a farsa judicial da Operação Lava Jato por meio do vazamento de mensagens do Telegram hackeadas pelo analista de sistemas Walter Delgatti Neto⁹. Por semanas o perfil do Pavão Misterioso publicou capturas de imagens (figura 3) de mensagens no sistema concorrente do Telegram, o Whatsapp, que seriam entre o então principal jornalista do Intercept, Gleen Greenwald, seu esposo, o então suplente de deputado federal David Miranda (Psol), e o então deputado federal Jean Wyllys (Psol), nos quais eles estariam combinando o pagamento pela renúncia de

⁹ As reportagens da chamada Vaza Jato estão disponíveis em <https://theintercept.com/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>, acesso em 10 out. 2022.

Wylllys, que se exilou fora do país por causa de ameaças de morte. Com a renúncia, Miranda assumiu a vaga, exerceu o mandato até o fim e se reelegeu em 2022. Infelizmente o parlamentar não pode cumprir o novo mandato devido a uma doença que levou ao seu falecimento em 9 de maio de 2023.

Figura 3



Fonte: Montagem do autor para fins didáticos a partir de imagens disponíveis em <https://www.e-farsas.com/analizamos-as-principais-provas-apresentadas-pelo-pavao-misterioso.html> e <https://www.intercept.com.br/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>. Acesso em 28 Mai. 2023.

598

O diferente [entre as mensagens do Pavão e do Intercept] é o texto, sua origem, sua intenção e suas consequências. Se eu vejo os textos apenas como o que pretendem mostrar (crimes sendo cometidos), eles são equivalentes. A partir da leitura mágico-imagética-circular do texto, quem previamente acredita que Lula é um ladrão, tende a dar mais credibilidade às imagens veiculadas pelo Pavão, porque confirmam sua crença. Para essa pessoa, o fato de Greenwald ter um prêmio *Pulitzer*, um *Esso* e um *Oscar* pelo documentário *Citizenfour*, que mostra os vazamentos de espionagens feitas pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos – NSA, em todo o mundo, não significa absolutamente nada (SOUZA, 2020, p. 342).

Na verdade, há até uma pequena diferença entre as imagens que inclusive ajuda a dar uma falsa credibilidade para as do Pavão Misterioso. Como qualquer jornalista sabe, os veículos profissionais não costumam fazer propaganda grátis pra ninguém. E não seria diferente com as plataformas digitais. Assim, os diálogos capturados pelo Intercept no Telegram tiveram o texto retirado da plataforma e foram rediagramados em imagens simulando um sistema de mensagens eletrônicas sem identificar a plataforma. Já as imagens do Pavão foram forjadas diretamente no sistema do WhatsApp e capturadas congelando a tela do celular do usuário. Desse modo, as

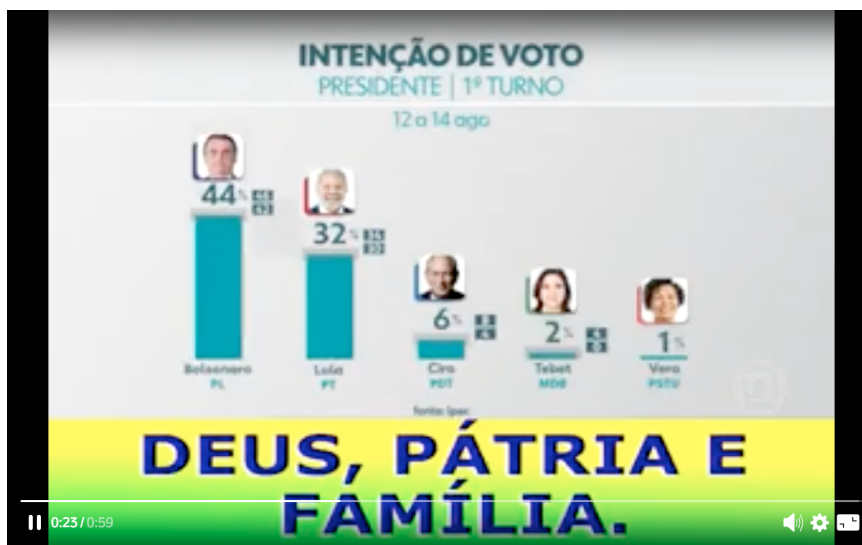
imagens do Pavão são muito mais “parecidas” com a “realidade” do que as do Intercept para o leitor que não conhece as práticas dos veículos de comunicação. É como se as imagens do Pavão fossem “fotografias” das conversas, “impossíveis de manipular”, e as do Intercept fossem desenhos de bico de pena ilustrando artigos da antiga Gazeta Mercantil. A diferença entre elas, assim como nas imagens religiosas duplo, é a “fé” de quem as observa.

***Deepfakes* e a impossibilidade de se verificar a “veracidade” de uma imagem**

Em 2022, com a nova disputa eleitoral pela presidência e os grupos de extrema-direita criando um verdadeiro Brasil Paralelo¹⁰, como o nome da produtora de vídeos que falseia nossa história, uma nova onda de *fake news* se espalhou rapidamente tanto nas redes sociais como em veículos tradicionais que aderiram totalmente ao bolsonarismo, a exemplo da septuagenária Jovem Pan, que saiu do rádio para a televisão e internet. O exemplo mais eloquente talvez tenha sido a *deepfake* de anúncio falso da pesquisa IPEC (figura 4) divulgada pelo noticiário de maior audiência do país, o Jornal Nacional, em 15 de agosto de 2022. Os dados da primeira pesquisa encomendada pela Rede Globo foram trocados no gráfico (dando 32% de intenções de voto para o ex-presidente Lula e 44% presidente Jair Bolsonaro, quando a realidade era o exato oposto). Além do gráfico manipulado, a imagem em movimento da apresentadora Renata Vasconcelos tinha sincronia perfeita de lábios com a narração idêntica à sua voz trazendo os mesmos dados falsos.

¹⁰ Não vou colocar qualquer link do BP aqui porque eles são um dos maiores anunciantes das plataformas digitais e, portanto, vocês já devem ter recebido propaganda de seus vídeos no Youtube. Prefiro, ao invés disso, indicar o perfil no Twitter do Brasil para Lerdos (<https://twitter.com/brparalardo>) página que denuncia as *fake news* do BP, suas estratégias de manipulação e apoia as dezenas de pesquisadores sérios processados pela produtora.

Figura 4



Fonte: Blog do Jamildo no UOL. Disponível em <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2022/08/15064965-eleicoes-2022-deep-fake-com-renata-vasconcellos-e-disseminada-nas-redes-confira.html>. Acesso em 29 Mai. 2023.

Se nos casos analisados anteriormente ainda era possível intuir ou perceber a manipulação de imagens fixas para quem tem alguma familiaridade com os processos de conotação de fotografias, técnicas de edição fotográficas e semiótica, no caso dos vídeos que utilizam Inteligência Artificial (IA) para a criação e/ou edição digital de imagens, isso se torna praticamente impossível. Não há mais a necessidade sequer dos referentes fotográficos, aqueles que refletiram a luz capturada pelas câmeras e com isso irremediavelmente presos à fotografia final, como dizia Barthes (1999).

Assim, novas imagens muito parecidas com a realidade podem ser produzidas simplesmente dando às IAs algumas palavras ou frases indicativas e o sistema irá buscar e mesclar pedaços de imagens em bancos de dados digitais para se construir a imagem final. Essas imagens podem ser baseadas em personagens da vida real, como aconteceu com a Renata Vasconcelos e com o Papa Francisco, cujas “fotos” forjadas vestindo uma jaqueta branca em março de 2023 invadiram veículos sérios e enganaram mesmo

jornalistas experientes¹¹. Mas a mesma ferramenta usada pra fazer a foto falsa do Papa, a Midjourney, também pode ser usada para criar personagens que nunca existiram na vida real, como Jean Durand, o menino nascido na França ocupada pelos nazistas inventado pelo jornalista Álvaro Borba para um vídeo¹² do excelente canal Meteoro Brasil no qual ele discute as IAs.

Considerações Finais

Os casos analisados reforçam a hipótese de que a forma de raciocínio baseada em textos (tempo-histórico-linear) de causas e consequências, está recuando diante do pensamento calcado em imagens (mágico-imagético-circular) que utiliza a força do impacto emocional das pessoas para manipular sua visão de mundo e realidade, como analiso em meu novo livro (SOUZA, 2022). As manipulações de fotos sempre foram usadas na imprensa, mas a cada dia as ferramentas para editar e criar imagens, sejam fixas ou em movimento, estão mais acessíveis, baratas e fáceis de serem utilizadas.

Se já não é possível distinguir entre imagens “verdadeiras” e “falsas”. O que resta então ao jornalismo profissional para impor a realidade factual frente às *fake news*? Bem, pra mim, a resposta é antiga, mas meio óbvia: precisamos voltar a fazer jornalismo de verdade. O jornalista precisa olhar com os próprios olhos o fato se desenrolar na sua frente para então o reportar. Os veículos precisam parar de tentar competir na velocidade com as redes sociais e checar cada acontecimento ou notícia antes da publicação. Se pretende continuar relevante, o jornalismo tradicional precisa urgentemente abandonar a arrogância de único mediador da “verdade” que tinha antes das redes digitais e se focar na divulgação da realidade objetiva para reconquistar a credibilidade que já teve. Ou iremos sucumbir como sociedade ao fascismo que alimenta e se alimenta de mitos e mentiras transformados em imagens de alto impacto que anestesiam o raciocínio atíçando as emoções mais básicas.

601

¹¹ Veja matéria a respeito em <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/03/29/o-papa-e-puffer-a-jaqueta-era-fake-mas-tendencia-acolchoada-e-real.htm>. Acesso em 30 Mai. 2023.

¹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TAu9zGkmPR4&t=7s>. Acesso em 30 Mai. 2023.

Referências

- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, R. **O Obvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 11-25.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.
- MORIN, Edgar. **O Método III**. Porto Alegre: Sulinas, 1999.
- SOUZA, Vinicius. Desafios da Coleta e Distribuição da Informação em Rede: a importância da confiabilidade e da proteção da fonte no jornalismo via internet. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-11, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88241>. Acesso em: 10 out. 2022.
- SOUZA, Vinicius. Contra fotos não há argumentos - A influência das imagens nas fake news e seu impacto nos fluxos comunicacionais e na atual crise democrática. In Sousa, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo e estudos mediáticos – Memória II**. Porto, Portugal: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2019, pp. 99-109.
- SOUZA, Vinicius; PEREIRA, Leticia Souza. É verdade esse bilete – Manipulação de imagens e massas. **Nhengatu Revista de Comunicação e Cultura Contra-Hegemônicas**, PUC-SP, V 5, s/p, 2021.
- SOUZA, Vinicius. **Quer que desenhe? Imagens, fake news e mudança no modo de pensamento**. São Paulo. Editora Casa Flutuante, 2022.